

O Açaí e a Doença de Chagas em Machete: história dos surtos epidêmicos no estado do Pará (2006-2016)

Érico Silva Muniz^a
Kevin Matheus Pinheiro do Nascimento^b

Resumo: O presente trabalho apresenta os acontecimentos entre os anos de 2006 a 2016 de casos de contaminação da doença de Chagas (Tripanossomíase americana) no estado do Pará a partir do consumo do açaí contaminado pelo contato com o inseto vetor da doença (percevejo). Partindo de uma análise historiográfica e antropológica, recorreremos às fontes periódicas e midiáticas para compreender como a população e as autoridades públicas reagiram ao referido fenômeno. Observamos a formação de um novo enquadramento onde o açaí, alimento tão consumido e valorizado culturalmente na Amazônia, deixou de ser entendido como patrimônio alimentar, sendo visto como porta de entrada para surtos da doença de Chagas, tendo sido o Pará o estado com o maior número de casos registrados.

Palavras-chave: Doença de Chagas, Açaí, História das doenças, Patrimônio alimentar, Amazônia.

O açaí (*Euterpe oleracea*) constitui a base alimentar de muitos grupos sociais da Amazônia, assim como é presença constante na natureza da região. No início do século XXI, no entanto, o registro de

a Professor Adjunto da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (UFPA). Membro do Grupo de Pesquisa GEIPAM. Email: ericosilvamuniz@gmail.com. Orcid: 0000-0002-0964-9098.

b Professor de História e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Interculturais Pará-Maranhão (GEIPAM). Email: kevinnascimento2@gmail.com. Orcid: 0000-0002-0278-9231.

casos de doença de Chagas (Tripanossomíase americana) através de contaminação por via oral através de consumo do açaí passou a abalar as precauções para consumo desse alimento. A enfermidade, que tem sua descoberta datada em 1909 pelo médico e sanitarista Carlos Chagas, passou a figurar como grave problema de saúde pública na região. Com o passar dos anos ela passou a ser conhecida como doença que pode causar graves complicações nos órgãos, especialmente o coração, prejudicando e acometendo populações rurais.

Tradicionalmente a doença de Chagas é resultado de uma infecção causada por um protozoário parasita, o *Trypanosoma cruzi*. O inseto triatomíneo conhecido como percevejo ao se alimentar de sangue de mamíferos e picar os seres humanos age como vetor na transmissão da doença. Ao identificar que o barbeiro tem também o costume de pousar em palmeiras de açaí e em plantações de cana-de-açúcar, as comunidades médicas observaram ondas de surtos de contaminação oral, oriundos inicialmente do consumo do caldo de cana triturado com o inseto vetor. Simultaneamente, a região Norte passou a ter mais casos decorrentes de contaminação oral do que vetorial, passando o maior número de casos a ser registrado no Pará, justamente o estado de maior produção do açaí¹.

Neste artigo analisaremos a repercussão em jornais, sites e outros veículos de comunicação dos casos de contágio por contaminação oral de doença de Chagas através do consumo do açaí no estado do Pará entre 2006 e 2016. Observaremos, portanto, aspectos de como a ocupação desordenada do território tem resultado em uma aproximação maior da população da região com o vetor da doença de Chagas passando a ser encontrado em áreas rurais, vilas, cidades e até metrópoles da Amazônia.

Além disso, observaremos uma importante migração dos saberes relacionados ao consumo do açaí. Com os surtos da doença de Chagas o ‘açaí do bom’ passou a ser aquele vistoriado e certificado por órgãos da vigilância sanitária, alterando a dinâmica de produção e distribuição desse item tão importante da cultura alimentar e da

economia para povos ribeirinhos e batedores de açaí espalhados pela Amazônia, provocando uma alteração profunda no que se refere à soberania alimentar dos povos da floresta.

Doença de Chagas, doença da Amazônia

A Doença de Chagas é uma enfermidade endêmica na região amazônica e no Brasil. Seu contágio foi definido na descoberta feita por Carlos Chagas, médico que mostrou que a enfermidade geralmente contaminava suas vítimas em função de condições de moradias, como casas de sapê, pau à pique e madeira que continham frestas, servindo de morada para o agente infeccioso. Em seus estudos Chagas mostrou que o vetor dessa doença não é um mosquito, como em boa parte das doenças tropicais, e sim por um percevejo, que também tem características hematófagas. A doença, no entanto, vem sendo muitas vezes ignorada pelas autoridades, visando uma maior necessidade de reconhecimento, tanto que o próprio Carlos Chagas já buscava explicitar como a doença acometia os trabalhadores rurais no início do século XX (Kropf 2009).

A região amazônica serve de morada natural para 18 espécies de triatomíneos silvestres que podem agir como vetores da doença no norte do Brasil. Com os desmatamentos das matas densas, o contato humano com tais espécies aumentou gerando mais casos da doença, afetando principalmente a população que trabalha com matérias primas originais da região, como a piaçava. Esse fenômeno, que afetava as zonas mais afastadas das cidades, sofreu grande transformação com os surtos de contaminação provocados pelo contágio através consumo do açaí (Rocha *et al* 2004).

Na Amazônia um marco no controle às endemias rurais foi a criação do Instituto Evandro Chagas (IEC) no Pará, que anteriormente se chamava Instituto de Patologia Experimental do Norte (IPEN). Filho mais velho de Carlos Chagas, Evandro Chagas formou-se em Medicina em 1926 e atuou em pesquisas sobre febre amarela, malária, ancilostomose, Leishmaniose visceral americana e tripanossomíase

americana. Em 1936 fundou o IPEN em Belém como uma filial do Instituto Oswaldo Cruz, onde atuou até sua morte em acidente aéreo no ano de 1940 (Barreto 2012).

Ao longo dos anos a doença de Chagas tornou-se um tema de pesquisa importante na Amazônia, sendo o registro do primeiro caso da doença diagnosticado na Amazônia brasileira datado de 1969. Nas últimas décadas do século XX a Organização Mundial da Saúde (OMS) realizou mapeamentos gráficos mostrando as zonas endêmicas da doença no Brasil e a situação da Amazônia. Com análises mais minuciosas a partir de 1986, diagnosticou-se a doença acima da média nacional no estado do Pará, onde nos dias atuais a ocorrência de casos segue sendo registrada (Coura & Junqueira 2012).

Natureza e vida social na Amazônia

A ação antrópica na Amazônia tem gerado grande impacto nos debates entre a preservação da natureza e a extração dos produtos da floresta com potencial de mercado. O uso da madeira, a plantação da soja, a exploração da pecuária, além do cultivo de alimentos nativos da região têm crescido ao longo das últimas décadas. O manejo do açaí, por exemplo, é uma das principais bases para a produção extrativista de algumas sociedades ribeirinhas que atuam de forma autônoma (Cardoso 2006:56).

O consumo do açaí, assim como o da mandioca e do peixe de água doce está na base alimentar destas sociedades. O açaí, que é dotado de alto valor nutricional, costuma ser preparado e consumido na companhia do almoço na forma de polpa ou suco (Rogez 2000). Leila Mourão observa que o “suco de açaí não apresenta qualquer característica bioquímica que impeça o seu consumo associado a outros alimentos” (2010:86), sendo uma bebida detentora de fibras, antocianinas e outros micronutrientes. As principais cidades paraenses realizam, portanto, um comércio do produto que guarda muitas semelhanças entre si. Geralmente o fruto é oriundo de ilhas e zonas de açazeiros que ficam em zonas periféricas das cidades de interior.

Ainda segundo Mourão, foi a herança das regiões ribeirinhas e das matas a responsável por associar o açaí, o carboidrato da farinha de mandioca e a proteína animal durante as refeições (Mourão 2010:86).

A relação entre comida e cultura na floresta Amazônia vem sendo estudada por diversos campos do conhecimento há décadas. Eduardo Viveiros de Castro (1996) observou que as populações indígenas, por exemplo, são dotadas de um perspectivismo particular que estabelece outra relação entre alimentos, animais e seres humanos, em uma complexa rede de influências em permanente busca de equilíbrio. Dessa maneira, não existe uma separação plena e eminentemente predatória entre homem e natureza. Nessa perspectiva, os animais e plantas têm alma, o que atribui outras dinâmicas à caça, à pesca e à preparação de alimentos. Podemos afirmar que além dos povos indígenas, outras populações tradicionais tais como quilombolas, ribeirinhos e pescadores também estabelecem outras cosmovisões na leitura dos fenômenos naturais da floresta, o que faz com que existam interditos, tabus e crenças alimentares que não necessariamente interagem com prescrições científicas (Sarraf-Pacheco 2009).

No caso do açaí compreendamos também a representação exercida por esse alimento e a carga simbólica do mesmo, considerando que a alimentação é resultado de acúmulos e trocas de culturas que são oriundas de miscigenações e representações culturais de grupos sociais, sinalizando para o ato de comer como atitude envolta por costumes, protocolos e condutas (Carneiro 2005). O açaí compete também como símbolo identitário nas grandes cidades da Amazônia brasileira, especialmente em Belém. Em uma pesquisa realizada pela TV Liberal (emissora afiliada à TV Globo) por ocasião do aniversário dos 400 anos de Belém, a capital paraense elegeu o peixe com açaí como o alimento símbolo da cidade².

A relação entre o rural e o urbano aproxima-se através da produção e consumo do açaí que também possui grande importância no âmbito citadino, onde os frutos colhidos são geralmente levados para serem processados e batidos. Com a organização dos batedores

e o aumento do uso das máquinas movidas a eletricidade, registra-se atualmente aumento na produção do açaí no estado. As máquinas, chamada de ‘batedeiras’ pela população em geral são hoje utensílios comuns nos pontos de açaí urbanos, sendo usadas geralmente para bater o açaí, os frutos da palmeira de buriti (*Mauritia flexuosa*), e a bacaba (*Oenocarpus bacaba*) que como os açaizeiros são bastante comuns na região amazônica e normalmente são vendidos nos mesmos pontos comerciais.



Figura 1: Ponto de açaí³

Em diversas cidades paraenses estes pontos de açaí são achados em grande número, sendo que em alguns casos há diversos pontos de venda do produto em um único bairro, geralmente com os típicos anúncios com o título ‘açaí’ em um fundo vermelho. No esforço recente de controle da produção, órgãos de inspeção e vigilância desses estabelecimentos já registraram casos de contaminação por bactérias e adulteração do suco⁴ (Faria *et al.* 2012).

A intensificação sobre a fiscalização desses pontos de venda passou a gerar uma hierarquia no que se refere à venda do produto. Podemos considerar a proposta de Pierre Bourdieu, em *Poder Simbólico* (1989), que o consumo é capaz de articular novos sentidos a antigos costumes, especialmente no mundo globalizado. O consumo cultural na sociedade capitalista ocidental por vezes requer que se empreenda

uma fuga da padronização das escolhas. Quando isso ocorre com o consumo e certificação de origem de alimentos, por exemplo, podemos afirmar que há um processo de distinção simbólica por parte de alguns grupos sociais. Daí a necessidade do consumo de produtos higiênicos e certificados pelo mundo da ciência, ratificando os paladares sofisticados.

Nestor Canclini (1997), por sua vez, apresentara aspectos interessantes que relacionam consumo e sensação de pertencimento com o processo de construção de identidades especialmente na América Latina. Isso significa que as modalidades de consumo expressam também escolhas políticas e dimensões cidadãs ao materializarem desejos que podem virar demandas em atos que são socialmente regulados. No caso do açaí sob a mira dos critérios da vigilância sanitária, podemos considerar que a ciência certifica a procedência e justifica sua aceitação especialmente nos núcleos urbanos, afastando a associação histórica do açaí associado como hábito alimentar ribeirinho.

A doença de Chagas e o açaí

Antes dos surtos de doença de Chagas causados por contaminação por via oral, havia um consenso médico que a doença de Chagas estava finalmente sendo controlada no Brasil, tanto que a OMS no ano de 2006 entregou ao país o certificado de eliminação da doença em questão⁵. Contudo, casos de contaminação oral foram noticiados ainda em 2006 através de uma reportagem sobre um então novo surto de contaminação por via oral na cidade do Acará, no Pará, mostrando uma nova onda de casos provocados pelo barbeiro triturado no açaí⁶. Os surtos destes casos pela forma oral passaram a ser uma “preocupação nova” para a região, considerando que outros casos de contaminação oral já eram conhecidos (Homma *et al* 2006:20).

No início dos casos de contaminação oral pelo açaí, alguns órgãos, especialmente que trabalhavam com a distribuição do fruto, fizeram questão de abrandar a possibilidade do risco da infecção poder ser maior. Jean Delumeau (2009) nos mostra que agentes sociais espe-

cíficos costumam reagir dessa forma em decorrência da proliferação de medos coletivos, neste caso, traduzidos e motivados pelo risco de prejuízo econômico (Delumeau 2009). Algumas das sentenças da opinião médica podem ser vistas em episódios como o reportado pela notícia de 2007 em que a FUNED (Fundação Ezequiel Dias, Instituto de Ciências Biológicas e Tecnologia da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais) havia negado a possibilidade de uma contaminação a partir da polpa do açaí, afirmando que todos os cuidados de higiene eram usados no manejo e produção de polpas industrializadas⁷. Posteriormente foram catalogados casos de contaminação justamente com a polpa oriunda de estabelecimentos que detinham registro junto à vigilância sanitária, comprovando que o risco não se resumia apenas ao produto vendido pelos batedores artesanais (Mendonça *et al.* 2014).

Os noticiários, e a resposta da população em decorrência do surto, formaram uma visão de que o açaí industrializado era necessariamente a forma mais confiável do produto para ser consumido. Fabrício Ribeiro (2016) mostra através de entrevistas com pessoas que trabalharam com processamento do açaí que nessa época diversos pequenos batedores de açaí entraram em falência, fazendo com que estes acreditassem que os noticiários da contaminação, além da ação dos grandes exportadores, fossem os responsáveis pelos seus prejuízos econômicos neste ramo, o autor ainda diz:

“É certo que o aumento e a divulgação de alguns noticiários dos casos de doença de Chagas e a competição dos exportadores pelo produto, levaram os batedores, neste momento, a identificarem os empresários como responsáveis pela situação, porque as notícias ficavam mais intensas, justamente pela contradição que se colocava, pois, à medida que seus pontos diminuía, aumentava a expansão do produto em estabelecimentos padronizados, em áreas nobres da cidade, assim como exportações para outras regiões” (Ribeiro 2016:155-6).

As transformações ocorridas geraram respostas por parte do poder público, pois em poucos anos o estado do Pará tornou-se zona endêmica dos casos da doença de Chagas em função da forma oral

de contaminação. O relatório da Secretária de Saúde do Estado do Pará (SESPA) do mesmo estado mostra que a contaminação via oral correspondeu a 95,5% do total de casos registrados à época (Secretaria de Estado de Saúde Pública. Governo do Pará 2017:249). Tal realidade despertou uma atitude por parte das autoridades, tanto que o Sistema Nacional de Vigilância em Saúde promulgou plano de fiscalização direcionado ao estado, como aborda o Ministério da Saúde em 2011 em seu artigo:

“Dentre os casos da região Norte, destaca-se que o estado do Pará é o responsável por 80% (censo do ano 2000 a 2010) dos novos casos. Esse elevado percentual pode ser explicado pela execução do Plano Estadual de Intensificação das Ações do Controle da Doença de Chagas o qual colaborou com a sensibilização das equipes de vigilâncias locais para a suspeição e notificação do caso” (Sistema Nacional de Vigilância em Saúde 2011:18).

As ações no âmbito estadual incluíram palestras para os batedores visando o tratamento higiênico do açaí, maior fiscalização dos pontos de venda, e, além disso, a formação de profissionais de saúde para um diagnóstico mais rápido e efetivo dos vitimados pela doença. Em âmbito municipal, algumas medidas foram tomadas. Em Belém foi organizado em 2014 um selo chamado ‘Açaí do Bom’, com a intenção de comprovar a qualidade do processamento de batedores do suco de açaí, promulgado pelo Departamento de Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal de Saúde da cidade de Belém (DEVISA/SESMA). Para obter o selo, o batedor passou a precisar demonstrar conhecimentos sobre a manipulação e contaminação do produto, principalmente através da Doença de Chagas. No mesmo ano foi organizada pela SESMA ‘a Casa do Açaí’⁸, uma sede para cursos que permitiria capacitar os batedores artesanais da cidade para entregar um ‘produto de qualidade’ do vinho do açaí, além de local para receber denúncias de irregularidades.

Iniciativas similares foram coordenadas por outros municípios como no caso de Bragança, onde um programa chamado ‘Açaí Legal’ foi criado em 2013, também em decorrência dos casos de contamina-

ção do produto. Essa ação também visou o tratamento baseado nos padrões sanitários, como o chamado ‘branqueamento’ (tratamento térmico) e foi noticiada em reportagem da mídia local da cidade que mostrou um ponto de venda legalizado em uma entrevista com o proprietário deste lugar⁹. Com frequência essas ações foram amplamente noticiadas pela imprensa local.



Figura 2: O selo ‘Açaí do Bom’. Mapa da localização dos pontos de venda que contém o selo de aprovação e a imagem do selo. Reprodução do site Diário OnLine. Veja onde estão pontos com o selo ‘Açaí Bom’. *Diário On-Line*. Belém, 2015. (<http://www.diarioonline.com.br/noticia-337234-.html>; acesso em 05/09/2018).

Ainda entre as transformações ocorridas, desde 2012 um decreto estadual estabeleceu novas regras para a manipulação do açaí. O novo marco regulador passou a permitir a comercialização de açaí, bacaca e similares exclusivamente após cadastramento semestral dos batedores, tratamento térmico para redução da carga microbiana inicial do produto, instalação no ponto comercial de piso impermeável e revestimento liso nas paredes, entre outras modificações de custo relativamente elevado¹⁰. O Decreto Estadual 326/2012 postulou as adaptações necessárias para que diversas famílias que processavam artesanalmente o produto adaptassem suas instalações; tal processo, porém, possuía custo elevado, levando alguns estabelecimentos para a situação de clandestinidade.

Neste ponto observamos que o ‘açai do bom’ foi determinado pela ciência e pelo Estado após análises clínicas e laboratoriais das amostras do produto. A pureza do produto passou a ser questionada por profissionais plenos de certezas da eficácia de suas categorias, sem adaptações para atingir uma saída que simultaneamente resguardasse consumo seguro do açaí e a manutenção da atividade econômica (Latour 1999).

Os casos de contaminação do açaí nos jornais

Para que seja possível um entendimento maior sobre os surtos e como os principais veículos de comunicação o noticiaram observamos que o trabalho com fontes de jornais e os recursos midiáticos no geral trazem importantes ferramentas para demonstrar a repercussão de um agente patológico no cotidiano de uma sociedade. Mesmo com a parcialidade das notícias e dos interesses que seus grupos comerciais representam, os periódicos são fontes importantes para mostrar a visão da população em geral (vítimas, parentes das vítimas, pessoas próximas às localizações dos casos), de autoridades de saúde e seus representantes, dos agentes de segurança e do público leitor (Luca 2008; Silva & Franco 2010:4).

A grande variedades de fontes periódicas no tempo presente também faz com que o pesquisador possa encontrar dificuldades e desafios ao trabalhar com tais documentos, uma das dificuldades demonstradas por Tânia de Luca explica que nem sempre os jornais e revistas históricos “estão organizados ou microfilmados à espera do pesquisador” (2008:141), obrigando o historiador ou o antropólogo em questão a fazer um esforço necessário para achar as informações restantes que não foram encontradas, referente aos contextos, versões e dissensos. Além disso, é necessário compreender qual linha editorial está sendo trabalhada e suas características, o que ajudará a visualizar as motivações para a divulgação da notícia em questão, pois “jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos” (Luca 2008:140).

Segundo Márcia Janete Espig.

“A utilização de fontes jornalísticas no processo de criação do saber histórico é passível de uma série de colocações metodológicas. Algumas de suas qualidades, tais como a periodicidade e a oferta de uma grande quantidade de dados empíricos e cronológicos, têm sido bastante exploradas pelos historiadores em geral” (Espig 1998:288).

Ou seja, tendo como exemplo o açaí, notamos a variedade de simbolismos que o mesmo possui principalmente a população amazônica e entre as várias sociedades estabelecidas nesse ambiente, observamos que o alimento aparece de maneiras variadas nas páginas dos jornais e sites eletrônicos de notícias.

A começar pelo ano de 2006, quando diagnósticos frequentes da contaminação de pessoas pela doença de Chagas em decorrência do suco extraído do açaí passaram a ganhar as páginas dos jornais e manchetes de sites de notícias. Esse tipo de contaminação passou a ser informado como novidade pelas mídias naquele ano. Uma destas notícias foi divulgada pela *Folha de São Paulo* relatando contaminação oral em uma vila do município de Santarém, chegando ao número de 16 contaminados¹¹.

No ano seguinte a *Folha de São Paulo* reportou outra notícia com o registro de uma morte. A reportagem intitulada ‘Açaí faz 1 vítima de Chagas a cada 4 dias na Amazônia’ denunciava o número de ocorrências de pessoas contaminadas pela forma oral que contabilizava à época o número total de 116 pessoas nos últimos 15 meses¹². A análise mostrava um aumento muito considerável de casos desta forma de transmissão em comparação ao período de 1965 até 2005, quando foram registrados somente 12 casos por ano. Esses números, no entanto, não davam conta dos casos silenciosos, ou seja, aqueles que não foram diagnosticados pelos órgãos de saúde.

Veículos locais de comunicação também estamparam o assunto entre suas notícias. Uma edição do jornal *O Liberal* de 2011 aborda que ocorriam casos de contaminação oral em decorrência de pontos de venda do açaí na região metropolitana de Belém¹³. Sob o título

‘Mal de Chagas ataca uma pessoa por dia na capital paraense’, em decorrência de 22 casos de contaminação em um período de 20 dias, o jornal apresentou os casos confirmados pela Secretaria Municipal de Saúde¹⁴.

A contaminação de várias pessoas da mesma família ao mesmo tempo pelo hábito do consumo do suco em grupo durante as refeições passou a ser um traço comum entre as notícias. A questão da contaminação familiar foi também noticiada por diversos veículos de comunicação locais, como o jornal *Diário do Pará*. Outra notícia do ano de 2014 mostrava a realidade de duas famílias que contraíram doença de Chagas em decorrência do consumo do açaí contaminado no bairro do Tenoné, em Belém. Segundo a notícia,

“Na casa da aposentada Maria Raimunda Amaral de Carvalho, 62, no Tenoné, cinco pessoas foram diagnosticadas com a doença: ela, o esposo, o filho e dois netos. [...] Outra família daquele mesmo bairro passou por uma situação bem parecida. A idosa Maria Laudia Borges, 77, se viu em uma situação complicada nas últimas semanas. [...] Os sintomas continuaram com o passar dos dias e a idosa, a filha e o genro só pioravam. [...] Os três foram encaminhados para fazer exame no IEC, foi quando descobriram que estavam com a doença¹⁵.”

As duas idosas contaminadas afirmaram que estavam em tratamento após a confirmação da doença e que criaram um trauma em relação a consumir o suco do açaí em virtude da contaminação. Estes casos ajudam a ilustrar uma espécie de medo coletivo que se instaurou sobre os perigos do consumo de açaí contaminado.

Os jornais locais, no entanto, não abordaram apenas com tons dramáticos os rumos que o açaí parecia ganhar nas refeições paraenses. Algumas notícias reconheciam o perigo da contaminação, mas mostravam como a prefeitura e o poder público vinham agindo com o objetivo de prevenir novos casos da doença, dando enfoque ao seu valor gastronômico. Em reportagem de 2015, a *TV Liberal* apresentou a ‘Casa do Açaí’, destacando que com o processo de higienização eliminam-se totalmente os riscos de contaminação da doença, para uma

apreciação mais segura do vinho do açaí. A repercussão das autoridades e suas medidas sanitárias também foram noticiadas pelo *Diário Online*, mostrando que o poder judiciário do estado estava agindo em parceria com a vigilância sanitária da cidade para fechar 15 pontos de venda do açaí, em decorrência justamente do novo Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta¹⁶.



Figura 3: Quatro capas do Jornal ‘O Liberal’ do ano de 2009. As notícias em questão, destacadas pelos quadros vermelhos, mostram como tema notícias sobre a Doença de Chagas associada ao consumo de aça. Fonte: Site SAPO 24.

(<https://24.sapo.pt/jornais>; acesso em 26/02/2019).

Notícia publicada na data de 21 de julho de 2009 mostra que “Chefs põem a boca no peixe frito com açaí”; evidenciando que mesmo em meio aos surtos não foram divulgadas notícias apenas das contaminações, mas também outras sobre o valor culinário do açaí¹⁷. Em 19 de outubro de 2009 foi a vez da nota no Jornal *O Liberal* afirmar que o “Pará lidera casos do Mal de Chagas na América Latina”, em função do “uso do açaí contaminado”¹⁸. Foram encontradas ainda outras duas notícias reportadas em um intervalo de apenas um dia no mês de novembro de 2009 onde é possível conhecer uma das regiões acometidas pela doença na capital, no bairro do Parque Verde¹⁹.

Na mídia nacional o jornal *Estadão* informava que 39 casos haviam sido confirmados pela SESP e já atingiam a capital paraense; em comparação com *O Liberal*, o número de contaminados aumentou em quatro pessoas. O *Estadão* informou que, além do bairro do Parque Verde com oito casos, registravam-se casos no “Jurunas e Telégrafo, com cinco, Pedreira, com quatro, Sideral e Tenoné, com dois cada um, e Umarizal, Bengui, Ilha do Combu e Marco, com um caso cada”²⁰.

Logo na sequência *O Liberal* do dia 14 de novembro de 2009 tornava público o registro de pessoas contaminadas pelo título “Pará registra 166 casos de Doença de Chagas”. A cidade de Abaetetuba, uma das principais localidades produtoras do açaí não escapou das notícias dos surtos de contaminação, o município surgiu em uma reportagem no programa *Jornal Liberal*, em 2012, afirmando que os casos da doença de Chagas “continuam assustando os moradores de Abaetetuba, no Pará”, mostrando que a cidade liderava até o mês de agosto daquele ano o número geral de casos no estado.

Em 2016, em reportagem do mesmo canal de TV veiculada foi apresentado um casal que se contaminou com a doença de Chagas, sendo uma das pessoas definida pela reportagem como ‘vendedora de açaí’ oriunda da cidade de Barcarena²¹. A cidade Igarapé-Miri é mostrada pela reportagem como segundo lugar no *ranking* de pessoas contaminadas confirmadas pelas autoridades de saúde, com 14 casos, atrás apenas de Breves, com 45 casos contabilizados em 2016.

Os veículos de comunicação davam conta que em 2016 os surtos estavam presentes na capital e em cidades do interior, além de outras localidades da Amazônia. O site *G1* em parceria com a emissora da região, a 'Rede Amazônica', denunciava que em uma localidade no estado do Acre após um surto, os comerciantes foram prejudicados economicamente pelo medo da população local em comprar o vinho do açaí e se contaminarem²². E assim, em 2016, as notícias davam conta que a ameaça de contaminação pela doença de Chagas através do consumo de açaí era uma realidade nas zonas rurais e urbanas do estado do Pará e da Amazônia.

Considerações finais

A presente pesquisa apresentou as repercussões noticiadas acerca das primeiras confirmações que o tripanossomo causador da doença de Chagas sobrevive na polpa e no suco do açaí. Constatou-se que entre 2006 e 2016 os surtos identificados empreenderam mudanças na abordagem das políticas de controle da doença na região. As notícias analisadas deram conta de apresentar que além de mortes e aumento dos casos da doença no Pará, os surtos epidêmicos desencadearam novos enquadramentos legais e sanitários para o manejo do açaí, movimento que deu origem a selos de qualificação aos pontos de venda. Ou seja, o manejo 'profissionalizado' do açaí em detrimento do velho costume de consumir o seu suco batido perto da casa do consumidor marcou um novo enquadramento para alguns segmentos sociais urbanos que buscam pelo produto.

Ficou exposto também que a forma de transmissão de uma doença tem capacidade de interferir radicalmente nos modos de vida e hábitos alimentares de uma sociedade atingida. Os medos sociogênicos veiculados nas manchetes levaram à clandestinidade alguns proprietários de pontos de açaí sem que alternativas acessíveis para serem adotadas em larga escala por produtores artesanais fossem apresentadas pelo poder público em nome da manutenção de um consumo seguro do açaí.

Notas:

¹ Associada ao açaí, doença de Chagas avança e dobra em sete anos no país. Folha de São Paulo, 14 out 2018. (www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/10/associada-ao-acai-doenca-de-chagas-avanca-e-dobra-em-sete-anos-no-pais.shtml; acesso em 23/03/2020).

² Peixe frito com açaí é eleito prato símbolo de Belém em votação no G1. G1. Belém, 2015. (<http://g1.globo.com/pa/para/belem-400-anos/noticia/2015/12/peixe-frito-com-acai-e-eleito-prato-simbolo-de-belem-em-votacao-no-g1.html>; acesso em 10/02/2018).

³ Ponto de açaí no bairro do Alegre, município de Bragança, no nordeste paraense. Ao fundo da imagem no lado direito, acima, encontram-se açazeiros e buritizeiros. Google Street View. 2012. Local: 226, Travessa Martins Pinheiro. (https://www.google.com.br/maps/@-1.0589794,-46.7697175,3a,75y,265.63h,85.17t/data=!3m6!1e1!3m4!1sEPkHhLElqoS_jGsWad99aQ12e0!7i13312!8i6656; acesso em 05/07/2018).

⁴ Devisa fecha pontos de venda de açaí adulterado em Belém. Agência Belém. (<http://www.agenciabelem.com.br/Noticia/102837/devisa-fecha-pontos-de-venda-de-acai-adulterado-em-belem>; acesso em 07/07/2018).

⁵ Brasil recebe certificado internacional por eliminar transmissão da Doença de Chagas. Agência Brasil. (<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2006-06-09/brasil-recebe-certificado-internacional-por-eliminar-transmissao-da-doenca-de-chagas>; acesso em 05/07/2018).

⁶ Erradicada em 2006, Doença de Chagas reaparece no Pará. Portal Amazônia. (<http://portalamazonia.com/noticias/erradicada-em-2006-doenca-de-chagas-reaparece-no-para>; acesso em 20/07/2018).

⁷ Reis, Thiago. Agência Folha: Fundação nega risco de contrair Chagas com polpa processada de açaí. Folha de São Paulo. 2007. (<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u321061.shtml>; acesso em 16/07/2018).

⁸ Belém tem 117 pontos de açaí certificados. O Liberal. Belém, 2015. (<http://www.ormnews.com.br/noticia/belem-tem-117-pontos-de-acai-certificados-pela-prefeitura>; acesso em 06/09/2018).

⁹ Benedito Junior Sousa Amorim Junior. Açaí legal: Programa realizado no município de Bragança no Pará. SBT Bragança. 3 min. Bragança-PA 2013. (https://www.youtube.com/watch?v=OarWE_gfyJY; acesso em 04/09/2018).

¹⁰ Governo do Estado do Pará. Decreto n. 326/2012. Decreto estabelece regras para manipulação artesanal do açaí. (<http://www.ioepa.com.br/pages/2012/2012.01.24.DOE.pdf>; acesso em 04/09/2018).

¹¹ Pará registra surto do mal de Chagas, com 1 morte. Folha de São Paulo. São Paulo, 2006. (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2907200612.htm>; acesso em 20/11/2018).

¹² Açaí faz 1 vítima de Chagas a cada 4 dias na Amazônia. Folha de São Paulo. São Paulo, 2007. (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1808200701.htm>; acesso em 01/12/2018).

- ¹³ O Jornal 'O Liberal' foi fundado pelo empresário Rômulo Maiorana em 1946. Atualmente o grupo é detentor da 'TV Liberal', emissora afiliada da Rede Globo, e do portal de notícias G1 que compõem as Organizações Rômulo Maiorana. Seu principal concorrente é o Jornal 'Diário do Pará', pertencente à família Barbalho, que também é proprietária da RBATV (afiliada da TV Bandeirantes) e do site Diário Online. Fonte: Jornal 'O Liberal' comemora 65 anos de história e credibilidade. Portal ORM. Belém, 2011. (<http://noticias.orm.com.br/noticia.asp?id=563700&%7Cjornal++o+liberal++comemora+65+anos+de+hist%C3%B3ria+e+credibilidade#.XIFk7MIKjDc>; acesso em 15/12/2018). DIÁRIO celebra 36 anos de informação, inovação e parceria com o paraense. Diário OnLine. Belém, 2018. (<https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-533462-diario-celebra-36-anos-de-informacao-inovacao-e-parceria-com-o-paraense.html> acesso em 15/12/2018).
- ¹⁴ Mal de Chagas ataca uma pessoa por dia na capital paraense. Portal ORM. O Liberal. Belém, 2011. (http://www.ormnews.com.br/noticia.asp?noticia_id=559431; acesso em 08/12/2018).
- ¹⁵ Bairro do Tenoné tem 10 casos de doença de Chagas. Diário Online. Belém, 2014. (<http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-309586-bairro-do-tenone-tem-10-casos-de-doenca-de-chagas.html>; acesso em 09/12/2018).
- ¹⁶ Justiça manda fechar vendas de açaí. Diário Online. Belém, 2011. (<http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-133337-.html>; acesso em 15/12/2018).
- ¹⁷ CHEFS põem a boca no peixe frito com açaí. O Liberal, Belém, 21 jul. 2009. Capa, p. 01. (<https://24.sapo.pt/jornais/lusofonia/1058/2009=07-21-#&gid-1&pid=9>; acesso em 04/01/2019).
- ¹⁸ Pará lidera casos do Mal de Chagas na América Latina. O Liberal, Belém, 19 Out. 2009. Capa, p.01. (<https://24.sapo.pt/jornais/lusofonia/1058/2009-10-19#&gid=1&pid=13>; acesso em 04/01/2019).
- ¹⁹ Pará registra 166 casos de Doença de Chagas. O Liberal, Belém, 14 Nov. 2009. Capa, p.01. (<https://24.sapo.pt/jornais/lusofonia/1058/2009=11-14-#&gid-1&pid=17>; acesso em 04/01/2019); Surto de Doença de Chagas já tem 43 casos. O Liberal, Belém, 12 Nov. 2009. Capa, p.01. (<https://24.sapo.pt/jornais/lusofonia/1058/2009-11-12#&gid=1&pid=19>; acesso em 04/01/2019).
- ²⁰ Spigliatti, Solange. Pará confirma surto de Doença de Chagas em Belém. Estadão. São Paulo, 2009. (<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,para-confirma-surto-de-doenca-de-chagas-em-belem,465373>; acesso em 04/01/2019).
- ²¹ Doença de chagas preocupa autoridades no Pará. Globoplay. TV Liberal. Belém, 2016. 4 min. (<https://globoplay.globo.com/v/5439143/>; acesso em 10/12/2019).
- ²² Após casos de doença de chagas, venda de açaí registra queda no Acre. G1. Rio Branco, 2016. (<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/04/apos-casos-de-doenca-de-chagas-venda-de-acai-registra-queda-no-acre.html>; acesso em 10/12/2018); Casal morre com suspeita de doença de chagas no interior do Acre. G1. Rio Branco, 2016. (<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/03/casal-morre-com-suspeita-de-doenca-de-chagas-no-interior-do-acre.html>; acesso em 10/12/2018).

Referências:

- BARRETO, D. C. 2012. *Uma trajetória familiar na ciência: Evandro Chagas (1905-1940) e o estudo das endemias rurais no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.
- BOURDIEU, P. 1989. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- CANCLINI, N. G. 1997. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP.
- CARDOSO, A. C. 2006. *O Rural e o Urbano na Amazônia: diferentes olhares em perspectivas*. Belém: EDUFPA.
- CARNEIRO, H. 2005. "Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação". *História: questões & debates*, 42(1):71-80.
- COURA, J. & JUNQUEIRA, Â. 2012. "Risks of endemicity, morbidity and perspectives regarding the control of Chagas disease in the Amazon Region". *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 107(2):145-154.
- DELUMEAU, J. 2009. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ESPIG, M. 1998. "O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado". *Estudos Ibero-Americanos*, 24(2):269-289.
- FARIA, M. et al. 2012. "Determinação da qualidade microbiológica de polpas de açaí congeladas comercializadas na cidade de Pouso Alegre-MG". *Alim. Nutr., Araraquara*, 23(2):243-249.
- HOMMA, A. K. et al. 2006. *Açaí: novos desafios e tendências*. Belém: Embrapa Amazônia Oriental.
- ROGEZ, H. 2000. *Açaí: Preparo, Composição e Melhoramento da Conservação*. Belém: EDUFPA.
- GONÇALVES, J. R. 2015. "O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição". *Estudos Históricos*, 28(55):221-228.
- KROPF, S. 2009. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação, 1909-1962*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- LATOUR, B. 1999. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp.
- LUCA, T. 2008. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. Pinsky CB. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto.
- MENDONÇA, V. et al. 2014. "Impacto do surto da doença de Chagas na comercialização do açaí (*Euterpe Oleracea* mart.) no município de Pinheiro-MA". *Revista SODEBRAS*, 9(11):174-178.
- MOURÃO, L. 2010. "História e natureza: do açaí ao palmito". *Territórios e Fronteiras*, 3(2):74-96.
- RIBEIRO, F. 2016. *História e Memória: leituras sobre o trabalho do açaí e suas transformações*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA.

- ROCHA, D. *et al.* 2004. “Ciclo biológico em laboratório de *Rhodnius brethesi* Matta, 1919 (Hemiptera, Reduviidae, Triatominae), potencial vetor silvestre da doença de Chagas na Amazônia”. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, 99(6):591-595.
- SARRAF-PACHECO, A. 2009. *História e literatura no regime das águas: práticas culturais afroindígenas na Amazônia Marajoara*. Belém: Unama.
- SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE PÚBLICA. GOVERNO DO PARÁ. 2017. *Relatório Detalhado Quadrimestral, 3º Quadrimestre/2016 (Setembro, Outubro, Novembro E Dezembro)*. Belém: Secretária de Estado de Saúde Pública.
- SILVA, M. & FRANCO, G. 2010. “Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica”. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, 4(8):1-11.
- SISTEMA NACIONAL DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. 2011. *Relatório de situação: Pará/Ministério da Saúde, Secretária de Vigilância em Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1996. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana*, 2(2):115-144.

Açaí and Chagas Disease in Headlines: history of epidemic outbreaks in the state of Pará (2006-2016)

Abstract: The present paper presents the events between 2006 and 2016 of cases of Chagas disease (American trypanosomiasis) contamination in the state of Pará from the consumption of açaí (*Euterpe oleracea*) contaminated by contact with the disease vector (the stink bug). Starting from a historiographical and anthropological analysis, we use newspapers and media as sources to understand how the population and public authorities reacted to this phenomenon. We observe the new frame where açaí, a food so consumed and valued culturally in the Amazon, stopped to be seen as food heritage and became the gateway to a wave of Chagas disease outbreaks, where the state of Pará had the largest number of registered cases.

Keywords: Chagas disease, Açaí, Disease history, Food heritage, Amazon.

Recebido em janeiro de 2023.

Aprovado em outubro de 2023.